



Daniel Katz

Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafraletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

A história de Portugal através da arte dos azulejos

O Museu Oscar Niemeyer apresenta, até 11 de abril, a exposição **“Figuras e Padrões - A encomenda do azulejo em Portugal, do século XVI à Atualidade”**, procedentes do acervo do Museu Nacional do Azulejo de Portugal. A Mostra retrata a história portuguesa a partir do século XVI, através das encomendas que eram feitas pela Igreja, pela nobreza, pelo público e por novos clientes, até chegar à atualidade, com a produção de artistas contemporâneos. Em frontais de altares, cruzeiros e outros registros religiosos, é possível observar as padronagens incorporadas na arquitetura daquele país e até hoje tradicionais.

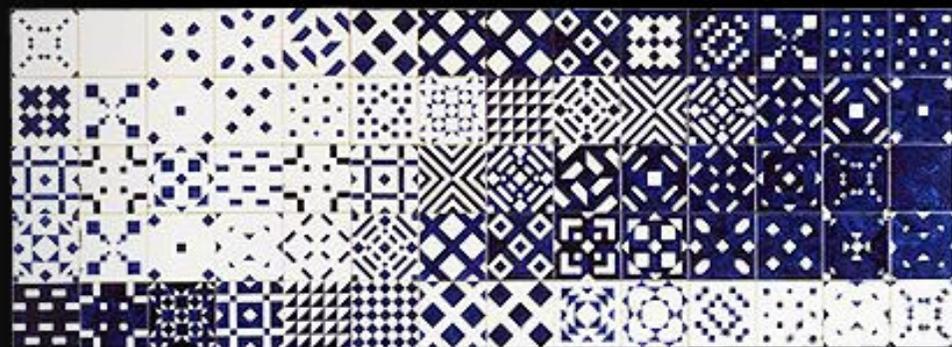
O azulejo é de origem árabe e foi introduzido na Europa pela Península Ibérica. A argila cozida e esmaltada já era utilizada no Egito, na Mesopotâmia e na Pérsia, como revestimento arquitetônico. Esses tijolos vitrificados podem ser considerados precursores da azulejaria. No final

do séc. XVI surgiu uma transformação técnica que levou ao aparecimento do azulejo tal como o conhecemos hoje: uma placa de barro quadrangular com uma face vidrada lisa ou decorada com desenhos coloridos. Inicialmente eram fabricados em Sevilha (Espanha).

> FRONTAL DE ALTAR Lisboa, 1625 - 1650



> AZULEJOS DO OCEANÁRIO DE LISBOA Lisboa, Fábrica de Cerâmica Constância



> BACO Lisboa, 3º quartel do século XVII



Em Portugal cultivava-se o gosto por revestimentos cerâmicos monumentais em igrejas e palácios. O azulejo era aproveitado ao máximo como material decorativo. A partir de 1640, quando Portugal reconquistou a sua independência, a nobreza foi responsável pelas encomendas de painéis de azulejos representando batalhas, caçadas ou cenas da vida cotidiana para revestir as estruturas palacianas. Nas entradas e escadarias dos palácios mais ricos apareciam as “figuras de convite”, que representavam porteiros ou soldados armados e tinham a função de indicar os modos de circulação. Nas igrejas e nos conventos, os azulejos representavam cenas do Velho e do Novo Testamento e contavam episódios da vida dos santos.

No início do século XVIII e durante o reinado de D. João V, o pintor de azulejo assumiu status de artista, passando a assinar os seus painéis. Na época do Marquês de Pombal, o azulejo foi influenciado pelo estilo rococó e os painéis figurativos da época mostravam cenas bucólicas.

Após o terremoto que destruiu Lisboa em 1755 e obrigou a reconstrução da cidade, o Marquês do Pombal incentivou a produção de azulejos por serem baratos, higiênicos e resistentes. São desta época os “registros de santos”, pequenos painéis que eram colocados nas fachadas para obter proteção contra as catástrofes.

Por volta de 1780 surge o estilo neo-clássico, que durou até o princípio do século XIX. Os azulejos passaram a representar florões, grinaldas, plumas e medalhões com paisagens.



> CENA DE MESA Lisboa, 1725-1750



> SANTO ANTÓNIO PREGANDO AOS PEIXES Lisboa, 2º quartel do século XVII



> REGISTO COM SÃO FRANCISCO DE ASSIS E ALMINHAS Lisboa, c. 1745



> PADRÃO DE INSPIRAÇÃO TEXTIL Lisboa, 1625 - 1650

Em meados do século XIX a azulejaria passou a revestir as fachadas dos prédios. Inicialmente eram peças brancas usadas em fachadas de igrejas. Em seguida, foi a vez dos prédios públicos e residências. Esta prática foi trazida ao Brasil, para onde Portugal enviava desde o século XVII grandes quantidades de azulejos, que se encontram especialmente na

Bahia, Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro.

A partir de 1950, os artistas plásticos portugueses começaram a se interessar pela utilização do azulejo. O Metrô de Lisboa é um dos grandes responsáveis pela aplicação monumental dos azulejos, tendo encomendado a grandes artistas como Vieira da Silva e Júlio Pomar o revestimento das atuais estações. ▲